

## A LINGUAGEM DOS CARANGUEJOS

Tânia Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Atravessar a linguagem dos mangues não é uma coisa tão simples. O vocábulo lama nem é terra, nem é água. A palavra está no “entre-lugar” de um idioma salobro. O estuário nem é sal, nem é doce. Mistura de rio e mar. A semântica do mangue nasce híbrida. Território de índios. Quilombos de negros. O mar do mangue exigiu ao longo do percurso da vida humana vários discursos, infinitos lugares. A descoberta do mangue não é contemporânea, a fase modernista já havia descoberto os manguezais no campo e no tempo da palavra dos anos 30. Observaremos neste recorte como os escritores da segunda fase modernista perceberam o mangue e como Chico Science ampliou diálogos com a memória africana.  
**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem, lama, mangue, Modernismo, Chico Science

**ABSTRACT:** It is not so simple go through the language used in the swamps. Mud vocabulary is neither land nor water. The word is in the “between-place” of a brackish language. The estuary is neither salty nor sweet. It is a blend of river and sea. Swamp semantic is born hybrid. It is Indians territory. It is a refuge place (quilombo) for black people. The swamp sea required a variety of speeches, a myriad of places along human lifetime course. The discovery of the swamps is not contemporary; the modern phase had already discovered swamps in the fields and in the time of words from the thirties. It will be observed in this extract how writers from the second modern phase welcomed the swamp and how Chico Science broadened dialogues with the African memory.

**KEYWORDS:** language, mud, swamp, Modernism, Chico Science

*Ao pescador cego, de Mia Couto.*

“A semântica dos Caranguejos sem cérebros”

“Mangue a cena”

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido também de enfartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar seus rios e aterrar seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias de Recife. Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado, em vários pontos da cidade, um núcleo de pesquisa e

---

<sup>1</sup> Escritora e Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRN.

produção de idéias pop. O objetivo é engendrar um circuito energético, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop, imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama. (Zeroquatro)

No início só havia o mangue. Depois é que veio Nanã Buruquê e fez do barro nascer Homolu. Na lama, nasceu flor de lótus. Os homens contavam história ao redor do fogo. Ainda não havia gramática. Em círculo, os homens batiam tambor. Griots cantavam em ioruba. Os contadores eram cantadores, profetas da voz. Ouvir e contar histórias era um exercício de cura. Para se tornar um contador, havia que se iniciar aos 21 anos. Uma preparação que durava 21 anos. Aos 42 anos, o contador tornava-se doma. Para contar história, não se podia mentir. A voz era uma espécie de avó da memória africana. Somente os Dielis, os Griots, podiam cantar e inventar poemas. A literatura não nascia escrita. Falar exigia coragem de Maa Ngala.

De lá até aqui, podemos observar que muita coisa mudou nos mistérios dos manguezais. Os mitos têm desaparecido em meio a uma sobrecarga de excesso e de progresso. A técnica retirou da tradição a arte de contar. O homem se educou para a práxis. O mangue foi dizimado. As histórias da tradição oral, muitas foram silenciadas.

Foi preciso surgir o modernismo para que o sertão e o mangue tivessem voz. O sertão virou mangue ou foi o mangue que virou sertão? E se olharmos, bem de perto, a prosa-poética de um camarada muito esquecido na literatura brasileira, veremos que a poesia de Raul Bopp aproveitou e muito a voz da oralidade, em tom quase ternário, num ritmo que somente a fala africana sabe expressar, para sugerir gesto do ritmo negro na modernidade dos anos 30. Como diz Raul Bopp no livro *Cobra Norato*: “Os mangues vem de longe se arrastando com a gente”.

O poema de Raul Bopp nasce embebido pela linha da antropofagia, vimos um mangue-serpente mitificado na pele elástica de *Cobra Norato*. Em Bopp, a poesia transcreve a dupla voz na pluralidade de sentidos. A poesia é serpente que devora o próprio rabo. Poesia e filosofia acabam em mito. “Se a serpente modernista pudesse ser do éden moderno, espaço, tempo e cosmo poderiam reordenar-se” (BERMAN, 198, p. 30). O problema dos mangues modernistas é que os poetas ficaram ensombrados em encontrar uma identidade para o Brasil em um momento político em que a força do nacionalismo imperava mundo afora. Em verdade, a reclamada modernização do Brasil na época foi uma violência não apenas social, mas também militar. O pior é que a modernização desenfreada estava não apenas no programa da direita varguista, mas também na planilha do intelectual “comunista”. Entre contraste e contradição, por outro lado, os poetas da antropofagia, que estiveram à frente do tempo modernista, perceberem logo de início que a ideia de desenvolvimento era cega aos valores culturais das comunidades afro-ameríndias. Essas comunidades eram vistas como meras figuras preguiçosas e selvagens. O que acabou por criar um imaginário terrorista que não se interessou em perceber o que esses povos “primitivos” carregavam na fala das mais diversas culturas. Denunciar tudo isso é também “investir contra o silêncio que o já oprimido economicamente ficou reduzido, perdendo os direitos trabalhistas e de reivindicação de classe” (SANTIAGO, 1989, p. 17).

Um pouco mais para adiante, o poeta Joaquim Cardozo avança em direção a questões sobre o manguezal que já sinalizam para a construção de uma metáfora de fundo engenhoso e geométrico. Descendo às margens do Capibaribe, João Cabral, em sua lucidez cotidiana, elege no trato com a linguagem poética dos mangues um acordo profundo com a linguagem popular em consonância com o traço erudito. As plumas dos mangues em Cabral são como as fábricas da vida, onde cada vez mais se fabrica a miséria Severina. O poeta do *cão sem plumas* oferece aos povos do mangue pouca alternativa. Talvez a mais singela dela seja um suposto retorno como eco de suborno.

No ciclo das lições do mar, a repetição das marés ultrapassa o que parece rotina. O repetir, transformar continuamente o desconhecido em conhecido. “Tudo zoa/ tudo arrulha/ para dentro do imprevisto” (MARANHÃO, 2002, p. 47). A repetição nos mangues é fertilidade poética. Repetindo, construímos teia de relações imprevisíveis. “Todo mangue fervilha numa vida que saía do lodo e que se arrastava no limo. Guaiamu, caranguejos, siris, aratus, guarás, mãos-no-olho enxameavam nas buraqueiras profundas”, como escreve o cearense Gustavo Barroso (1979, p. 22), em pleno século XIX, para a Padaria Espiritual.<sup>2</sup>

O que traz de inovador o “Manifesto Caranguejos com Cérebros”? Diríamos que simplesmente traduz também a linguagem da biodiversidade do mundo atual. O manifesto carrega pluralismos de idéias que traduzem um diálogo humorado com os *Homens e caranguejo*, de Josué de Castro. No “caranguejos com cérebros”, o *manguebeat* encarangueja cânticos celebrados aos tambores africanos, mas também traduz um mote e tanto do homem-caranguejo sendo transubstanciado em caranguejo humano. Uma metáfora que assemelha a condição humana sobrevivente da lama aos caranguejos do mangue, enfiados em toca, verdadeiros buracos-negros. A metáfora de Josué de Castro encarangueja os homens vivendo como caranguejo, enquanto a poética do *manguebeat* revisa a cadeia circular de homens ainda vivendo como caranguejos em meio às parabólicas enfiadas na lama. Os “caranguejos com cérebros”, do *manguebeat*, são também caranguejos brincantes que traduzem os caranguejos espaciais antenados com a energia da cibernética. São homens antenados com o “futuro do presente” e com as consequências da modernização na periferia da América-mangue.

Vale observar outros caminhos e perceber também que o duplo signo *homens e caranguejos* de Josué de Castro trazem um sobrenome poético que servirá para a rapazeada do *manguebeat* elaborar seus “caranguejos com cérebros”. É importante não desconfiar do tom de brincadeira da moçada do mangue e levar essa questão dos “caranguejos com cérebros” com um pouco mais de ironia. O riso é metáfora de

---

<sup>2</sup> No Ceará do final do século XIX, houve o movimento dos ‘Padeiros’, que ganhava a praça do Ferreira em Fortaleza com o fascículo *O Pão*, polvilhado no forno à lenha da “Padaria Espiritual”. O fascículo de poesia circulava em tom de crítica política comunista e panfletária. O Pão da arte ganhava ruas, praça e trens. Como um cordel que salta de trem em trem, partia-se da urbe para o sertão. *O Pão*, com estatuto e tudo, repleto de manifesto e ritual, já antecipava as façanhas do Movimento Modernista de 22. O fascículo *O Pão* fornecia em verso quente uma crítica ferrenha aos caminhos da modernidade no mundo. Entre alguns padeiros-mores destacaram-se: Rodolfo Teófilo [criador da fórmula saborosa da Cajuína], Adolfo Caminha [autor de *A normalista*], Araripe Júnior [teórico que se contrapôs às teorias de mestiçagem de Sílvio Romero], Capistrano de Abreu [poeta e historiador] e Gustavo Barroso [autor de *Praias e várzeas*].

provocação. Há uma sátira ambígua que engana os olhos do leitor. Ambiguidade essa que remete à celebração da desconfiança ou mesmo da inteligência ou quem sabe do excesso de razão em detrimento à teia de emoção e sentimentos? Se, de um lado, observa-se a conservação dos nomes no plural, do outro lado, a palavra “homens” desaparece do meio da metáfora e em seu lugar surgem ‘os caranguejos com cérebros’. O símbolo do cérebro é colocado de forma adjetivada. Há um diálogo corrosivo aí com o mimetismo kafkaniano: o homem-barata que se transforma em ser-caranguejo. Uma metáfora filosófica que denuncia a condição subumana e desumanizadora da sociedade contemporânea.

Seguindo a proposta dos integrantes desse movimento, para reumanizar o presente, devemos primeiro: “modernizar o passado/é uma evolução musical” (CSNZ, 1994). Reumanizar leva a uma ruptura com todo o legado de miséria e exploração humana, mas leva também a uma reformulação de todo um sistema que mata e dizima em nome do lucro. Uma cadeia cíclica que precisa mais do que nunca ser repensada. Dos ‘homens e caranguejos’ de Josué de Castro aos “caranguejos com cérebros” do movimento *manguebeat*, a condição do homemangue tem-se agravado ainda mais com a dificuldade de retirar alimentos em rios cada vez mais poluídos. Por outro lado, nos locais menos poluídos, os viveiros de camarão e a exploração imobiliária impera como outro agravante. Seguindo os passos primitivos dos caranguejos, pouca coisa mudou, muita coisa piorou na paisagem dos mangues. Nas questões mais essenciais, a humanidade tem caminhado para trás. No largo círculo dos dias, a fome no mundo ainda faz parte das preocupações dos ecólogos do Século XXI.

Na terceira parte do ‘manifesto caranguejos com cérebro’, no encarte do cd ‘Da lama ao caos’ (1994), denuncia-se o diálogo antiecológico da cidade em relação aos manguezais. Zeroquatro e Chico antecipam, ali, não apenas o projeto sincrético musical, mas também uma preocupação com os problemas eco-ambientais:

“Antene-se”

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo  
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos  
Entulhados à beira do Capibaribe  
Na quarta pior cidade do mundo  
Recife cidade do mangue  
Incrustada na lama dos manguezais  
Onde estão os homens caranguejos  
Minha corda costuma sair de andada  
No meio da rua, em cima de pontes  
É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo  
Procurando antenar boas vibrações  
Procurando antenar boa diversão  
Sou, sou, sou mangueboy. Recife  
cidade mangue  
Onde a lama é insurreição  
Onde estão os homens caranguejos  
Minha corda costuma sair de andada  
No meio da rua, em cima de pontes  
É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo

Procure antenar boas vibrações  
Procura antenar boa diversão Sou,  
sou, sou Manguelboy!  
[CSNZ, 1996]

Se para os *manguelboys*, o objetivo principal era injetar um pouco de energia na lama, a metáfora é apropriada para se pensar a lama como ponte entre a cidade e o mangue. Energia capaz de proporcionar mudanças na mente das pessoas. Lama capaz de compartilhar a sobrevivência dos que moram e vivem do manguezal. A energia das antenas parabólicas subdivide duas situações intrigantes: de um lado, o mangue antenado com o mundo globalizante; de outro, a questão local reproduzindo os efeitos colaterais da esclerose econômica via consumo. A metáfora da parabólica enfiada na lama é uma metáfora irônica que brinca também com essa onda toda de tecnicismo da civilização contemporânea.

Em Josué de Castro, personagens como Chico e João Paulo estão predestinados, em um país eternamente colonizado como o Brasil, a repetir a triste sina passada secularmente de pai para filho.

A impressão que eu tinha, era que os habitantes dos mangues – homens e caranguejos nascidos à beira do rio – a medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e com a densa rede de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo, enfiando tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele: pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos (CASTRO, 2001b, p. 11).

No país de *homens e caranguejos*, o índice de desmatamento aumentou assustadoramente, mas, por outro lado, o índice de recomposição dos mangais sofreu, a duras penas, uma intensa luta pelo reflorestamento de bosques de mangais. Em levantamento feito recente entre 2004 e 2005, na Universidade Federal da Paraíba, pelo biólogo Helder Farias de Araújo (2007, p. 5), há mais de 100 tipos de espécies de aves habitando o coração do mangue. No entanto, constata o biólogo que o desmatamento do mangue, embora proibido por lei federal, é a principal ameaça ao bioma. O maior problema que se apresenta é o resultado da expansão imobiliária e de fazendas de camarão.

Se antes havia um olhar mais preconceituoso sobre essa vegetação, aos poucos, novos estudiosos se aventuram em estudar esse bioma de forma mais consciente, observando nos detalhes a importância que cada espécie representa. Lentamente, a luta em defesa dos mangues vem ganhando forte visibilidade inter[nacional]. Alguns poetas se tornam expoentes na forma de observar os manguezais, entre a barbárie e a esperança. Um sentimento de indignação alinha a caneta de escritores por novas mudanças no coração humano. Somos, como estudiosos dos manguezais, uns pessimistas alegres, mas não deixamos teimosamente de acreditar na humanidade de nosso povo, mesmo que se “imbricicam caranguejos/ de lá pra cá/ palafitas balançam daqui pra lá/ em terras movediças encharcadas de promessas” (LIMA, 2003, p. 43).

Os filhos da lama são uma nação de seres enlameados, fraternalmente interligados à classe dos destituídos. Se a lama dos manguezais, sob a imposição excludente do poder econômico, acolheu, ao longo da história, uma parcela considerável de seres expulsos pelo latifúndio das secas, Josué de Castro, que nasceu entre os mangues do Recife, percorreu de forma interdisciplinar a diversidade do território da lama, recriando o mangue a partir dos olhos dos moradores do manguezal. “Como se fossem gigantes com o corpo fabricado com grandes blocos de barro retirados do próprio mangue. Formados ali mesmo na lama como se formam e se criam os caranguejos na fermentação do charco” (CASTRO, 2001b, p. 43). Entre o legado da lama social e a fome estabelecida quase canonizada, Josué de Castro,<sup>3</sup> no livro *Homens e caranguejos*, defende a metáfora do ciclo do caranguejo comendo lama e gente. Em Josué de Castro, homens-caranguejos fazem parte da cadeia cíclica de repetição da miséria. Sabemos que couberam aos homens caranguejeiros a *geografia da fome*, por outro lado, a quem se pode responsabilizar por essa geografia de miséria em que se podem pesar os aterros inumeráveis realizados ao longo de quatro séculos de exploração desse ecossistema, se não o poder econômico? Poder que, muitas vezes, deseja apagar os indícios de revolta e indignação que ainda teimam em se reproduzir dentro dos mangues.

O mangue é filho da cultura e, à proporção que os mangues crescem no texto de Josué, observa-se um sinal niilista, também, de que o capitalismo sobre esse tipo de vegetação enlanguesce as esferas de exploração, conforme o ritmo da fome e da maré. Se para a comunidade de pescadores, é durante a preamar que as redes de pescar pegam as últimas safras miúdas de pescado devido à própria extinção do animal marinho, “o barulho do chumbo da tarrafa batendo nas águas do rio lembra o barulho da chuva caindo nos telhados”, descreve Castro (2001b, p. 128).

Os caranguejos, de uma forma geral, apresentam-se com dez perninhas cabeludas sendo duas delas bem maiores. As presas ou garras são também chamadas de *puãs*, *patas*, *pinças*, *presas*. No caranguejo macho, as patolas gigantes servem como objeto fálico para atrair e seduzir o desejo das fêmeas. Comenta-se que na Índia houve um tempo em se revendiam apenas as patas dos caranguejos para exportação. Com o passar do tempo, houve um desequilíbrio tão grande no manguezal que as fêmeas não procuravam mais os parceiros para se acasalarem. Constatou-se que as fêmeas não desejavam os machos desprovidos das patolas maiores.

Os crustáceos machos são maiores em tamanho que as fêmeas. O caranguejo uçá, a exemplo, pode crescer um pouco mais de 10 cm [largura]. São os crustáceos machos que possuem as patas de tamanho maiores, além de trazerem as perninhas cabeludas, seu abdômen [cavidade que se encontra no centro do peito] é mais fino e estreito. Nas fêmeas, a cavidade abdominal é mais larga e bastante arredondada, lembram a vulva de uma mulher. Algumas dessas espécies são encontradas no “Atlântico Ocidental, Florida, golfo

---

<sup>3</sup> Os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito, especialmente, para o caranguejo. Tudo aí foi feito, especialmente, para o caranguejo. Tudo aí é, ou foi, ou está para ser, caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é o



do México, América Central, Antilhas, oeste da América do Sul, Guianas e Brasil, do Pará a Santa Catarina”. (SCHAEFFER-NOVELLI et al, 2004, p. 30).

A pressão pela caça dos caranguejos tem sido assustadora. O hábito de comer caranguejos se estendeu de forma tão intensa com a expansão do turismo no mundo litorâneo que milhares de crustáceos estão sendo capturados antes de atingirem o

caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive nela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne de seu corpo e de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. Nessa aparente placidez do charco, desenrola-se, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama (CASTRO, 2001b, p. 26-27).

tamanho considerado apropriado para o consumo, que é acima de 6 cm. Como já assinalava o poeta da *Beat Generation* Allen Ginsberg (2000, p. 33), cada vez mais “digerem os caranguejos do fundo lodoso do rio Boverly”. Uma dizimação que alarma os catadores e afeta a vida e o cotidiano das marisqueiras. Nas comunidades ribeirinhas, observamos uma lista de críticas ambientais se aglutinando. Conhecedora dos problemas que atingem o manguezal, marisqueira é porta-voz desse tipo de bioma.

As marisqueiras formam um coro de denúncias que se estende a outros lugares rodeados de mangues. Nesse coro, um refrão dos ecólogos: os caranguejos estão sumindo do meio do mangue e os manguezais desaparecendo do planeta Terra. E, se continuar do jeito que está, provavelmente, daqui a vinte anos não se tenha mais notícias de alguns tipos de crustáceos nos mangues. O ciclo de vida dos crustáceos torna-se menor a cada ano que passa. A disputa pela captura de caranguejos na faixa litorânea brasileira está cada vez mais intensa. Em Pernambuco, o crustáceo vem sendo freqüentemente capturado tanto para fins comerciais, bem como para o consumo local. Para termos uma idéia, o caranguejo goiamum, consumido na grande Recife, já vem de Espírito Santo e Rio de Janeiro. Nas costas do litoral cearense, não há mais caranguejos para consumo. E todo crustáceo consumido em Fortaleza, a exemplo, vem dos municípios de Carnaubearas, Araioses, Tutóia, Conceição no Maranhão.

O compositor Gilberto Gil (1997) regravou, no cd *Quanta*, a música de Gordurinha, autor da melodia “Vendedor de Caranguejo”, uma espécie de reflexão sobre a situação marginal dos vendedores de crustáceo:

Caranguejo Uçá/ Caranguejo Uçá/ Apanho ele na lama/ E boto no meu  
caçará/Tem caranguejo/ Tem gordo guaiamu/ Cada corda de dez/ Eu dou mais  
um/Eu dou mais um/ Eu dou mais um/ Cada corda de dez/ Eu dou mais um/ Eu  
perdi a mocidade / Com os pés sujos de lama/ Eu fiquei analfabeto/ Eu fiquei  
analfabeto/ Mas meu filho criou fama/ Pelo gosto dos meninos/ Pelo gosto da  
mulher/ Eu já ia descansar/ Não sujava mais os pé/ Os bichinhos tão criado/  
Satisfiz o meu desejo/ Eu podia descansar/ Mas continuo vendendo caranguejo.

A todos aqueles que sobrevivem da lama, a coisa se resume entre fronteiras de escalas local e global. Quanto mais observamos os problemas gritantes do manguezal, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos de forma isolada. Retomamos o mundo como teia rizomática, ou seja, rede que enlaça o todo e as partes. “São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes” (CAPRA, 1996, p. 23).

A exemplo do que estamos falando, a extinção da fauna e da flora mangue se estenderá em uma proporção alarmante, enquanto no hemisfério terrestre estivermos ainda sob a tutela de problemas de ordem econômica, ou mesmo sob a dependência do fardo grandioso de dívidas públicas. “A escassez de recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e a violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria” [idem].

Em verdade, a crise ecológica é uma crise de percepção. O que a população afora desconhece é que caranguejos, como: ‘uçá’, ‘aratu’, ‘guaiamum’, ‘siriaçu’, ‘maria-farinha,’ ‘chiés’, ‘caranguejo-marinheiro’, exercem importância na ciclagem dos nutrientes do manguezal, ao fazerem um certo controle da remineralização de detritos; além de comandarem a exportação de folhas de mangues para dentro das galerias por meio de seu hábito alimentar e da estratégia de cavar covas.

Para se mudar o quadro de dizimação da natureza ambiental, há que se transformar padrões e pensamentos para lá de estabelecidos. O que não é uma coisa tão simples e fácil, mas devemos a todo custo requisitar, por exemplo, novos modelos de comunidades ambientais sustentáveis que estejam de acordo com soluções sociais, culturais. “Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras” (CAPRA, 1996, p. 24).

A expansão de consciência requer mudança, não apenas de percepção, mas de valores. A antiecológica envolve uma moral e engloba uma crise de dominação, competição, ânsia de poder. Se o que é saudável apresenta-se como modelo ecossistêmico em equilíbrio dinâmico e conservado, o que é ruim atrai hierarquias, novos desequilíbrios, medo, pânico, doenças físicas, psíquicas, ambientais.

A estrutura ideal para rever esse tipo de poder não é a hierarquia, mas a rede de relações em que todos são importantes na teia da vida. O que está em questão, de agora para frente, não é o antropocentrismo [o homem como centro], mas o ecocentrismo [cuidado e proteção a todos os seres]. Cada organismo é membro importante da rede que tece o cosmos. “É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana” (CAPRA, 1996, p. 28).

Uma visão ecologicamente profunda percebe-se responsável por todo e qualquer ser deste planeta; comunga com uma visão de mundo mais holística; concebe o universo como um grande lar [oikos], interligando mundos como um rizoma. A ecologia não é o estudo de partes fragmentadas, dissociadas. “A percepção ecológica profunda reconhece



a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 1996, p. 25).

### **P’referência bibliográfica**

ARAÚJO, Helder Farias de. Mais de 100 tipos de aves habitam áreas de mangues. Recife: **Jornal do Commercio**, pág. 5-6. Caderno Ciência Meio / Ambiente, 27 de janeiro de 2007.

BARROSO, Gustavo. **Praias e várzeas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOPP, Raul. **Vida e morte da antropofagia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. São Paulo: Edusp, 1998.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pertencendo ao universo**. São Paulo: Cultrix, 1991.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

\_\_\_\_\_. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos, 1994. Compact Disc. Digital Áudio, 1 CD. Resmaterizado em Digital.

\_\_\_\_\_. **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Chaos, 1996. Compact Disc. Digital Áudio, 1 CD. Resmaterizado em Digital.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília. Editora UNB, 2006.

GIL, Gilberto. **Quanta**. Rio de Janeiro: WEA, 1997. Compact Disc. Digital Áudio. CD duplo. Resmaterizado em Digital.

- LIMA, Tânia. **Brenhas** – um poema dos mangues. Fortaleza: Mangue & Letras, 2003.
- MARANHÃO, Salgado. **Sol sangüíneo**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Religação de saberes**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et al. **Manguezal** – ecossistema entre a terra e o mar. Yara Schaeffer-Novelli (org.) São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara; COELHO JÚNIOR, Clemente; TOGNELLA-DE-ROSA, Mônica. **Manguezais**. São Paulo: Ática, 2004, p. 24.